

‘O Mapa é o Território’

Um seminário com Humberto Maturana

Milton Keynes dá a impressão de ser uma cidade vagamente próspera, pouco surpreendente, suponho, assim denominada em homenagem ao hipnoterapeuta e economista. Ela também é sede da Open University (Universidade Aberta). Fiquei lá por três dias em março participando de um seminário incomum e singular patrocinado pelo Departamento Sistemico da Open University, intitulado ‘Knowing and Being’ (‘Saber e Ser’) dado pelo neurobiólogo chileno Humberto Maturana. A posição de Maturana na comunidade sistêmica internacional é comparável à posição de Gregory Bateson na comunidade de PNL – uma figura respeitada internacionalmente, nem sempre fácil de entender, e seu seminário foi uma fascinante excursão nos domínios do pensamento sistêmico e da experiência humana.

A participação no seminário foi um pouco um salto de fé de minha parte, mas fiquei intrigado pelo trabalho publicado de Maturana (ver bibliografia) e queria uma perspectiva diferente sobre a linguagem e a experiência. Não fiquei desapontado.

Humberto Maturana é um homem agradável, de sessenta e poucos anos. Durante três dias ele falou de improviso sobre experiência humana, linguagem e percepção usando uma vasta gama de metáforas e marcação espacial de conceitos muito precisa, digna de um master trainer de PNL, apesar de ele não estar familiarizado com a PNL. Embora o inglês não seja sua língua nativa, ele usou o idioma com muita precisão para comprimir o entendimento compartilhado em termos da vida real de nominalizações, tais como ‘conhecimento’, ‘experiência’, e ‘linguagem’.

Eis um homem que respeita e insiste sobre a importância da experiência subjetiva em um grau até mesmo maior do que qualquer estudante de PNL. Seu trabalho é construído na questão epistemológica, ‘Como fazemos o que fazemos?’ E ele insiste na experiência subjetiva como ponto de partida. Ele modela a experiência humana. Maturana leva muito a sério o ditado de Gregory Bateson sobre modelagem: ‘pensar do modo que a coisa pensa.’ Ele deseja explicar os sistemas vivos e nossa experiência como um observador em termos da vida que temos, e a experiência que temos, sem importar quaisquer outras pré-suposições. Ele descreve a si mesmo como um cientista e possui uma interessante ressignificação sobre o que constitui a explicação científica. Ele afirma que as explicações científicas se atêm à coerência da experiência individual, e estão preparadas para serem flexíveis sobre os princípios que empregam. (Diferentemente da filosofia que se atêm aos princípios e não está preocupada com a coerência da experiência individual). Para Maturana, uma explicação científica é uma descrição do que você tem que fazer em um domínio que fornece os resultados que você observa em um domínio diferente. Assim, por exemplo, a bioquímica pode fornecer uma explicação das emoções, no sentido que quando determinadas substâncias estão presentes no corpo, elas geram de maneira consistente uma sensação particular, sendo que tudo o mais é igual. Entretanto, isso torna a ciência reducionista, em outras palavras, ela não pode afirmar que as emoções sejam ‘somente’ uma questão de bioquímica, ou mesmo que as alterações bioquímicas ‘causam’ as emoções. As emoções emergem em um domínio diferente, e são geradas por uma interação entre a receita bioquímica e a estrutura do sistema do corpo humano. Afirmer que as reações bioquímicas do corpo ‘causam’ emoções seria como apertar o botão de gravar no gravador e, se nada acontecesse, pensar que houve algo errado com seu dedo. Seu dedo, ou algo similar, é necessário para apertar o botão, mas o resultado dependerá da estrutura do gravador. Isso significa que cada ciência é um sistema fechado, isto é, coerente em si própria. Nenhuma ciência é mais básica do que qualquer outra.

As explicações não existem no vácuo. Elas têm que ser aceitas como válidas pelo ouvinte. Em minha opinião, isso se ajusta muito bem à modelagem da PNL. Por exemplo, suponha que fossemos modelar bons oradores. O que estamos modelando está no domínio do comportamento. Mas, o que gera este comportamento? Deve haver mais para isto, do contrário a modelagem seria fácil – apenas vá e faça exatamente o que o seu modelo fez. Explicamos em um nível diferente, olhamos para as seqüências dos sistemas de representação, metaprogramas, crenças, valores e fisiologia. Nenhum destes, sozinho ou em combinação, constitui o comportamento de falar bem em público. Entretanto, dizemos que *se* você acolher essas representações internas (Neuro), empregar a linguagem dessa maneira (Linguística), e usar sua fisiologia de tal maneira com esses resultados (programação) *então* o comportamento que você deseja emergirá. E essa explicação terá que ser aceita para o modelo funcionar, o modelador terá de agir de maneira congruente *como se* fosse verdadeiro e ao assim fazê-lo, poderá fazer isso acontecer.

Maturana fez várias contribuições importantes para o campo dos sistemas. A contribuição mais amplamente conhecida é o conceito da autopoiese que desenvolveu com seu colega Francisco Varela. A palavra parece formidável, mas o significado é direto. É derivada de raízes gregas que significam 'auto-producente'. Os sistemas autopoieticos são redes de componentes que produzem seus próprios componentes, ou os expandem. Os sistemas vivos são sistemas autopoieticos. Isso tem muitas implicações que são exploradas na biologia, inteligência artificial, e até mesmo gerenciamento de mudanças nas empresas, porque uma empresa pode ser examinada como um sistema autopoietico com relação à informação. Essa maneira de definir um sistema vivo também é auto-referencial, com referência ao seu próprio processo, consistente com sua insistência na primazia da experiência subjetiva. A maioria das definições dos sistemas vivos que tenho encontrado, começando com minhas aulas de biologia na escola, os define em termos de funções e características – o que eles fazem ou têm, em vez de o que eles são. Esta maneira de pensar também é usada para definir outras organizações tais como as empresas. É conhecida como o pensamento da 'lista de lavanderia', e não é muito útil. Quando você sabe que tal lista está completa? Você precisa de uma outra lista, uma lista mestre para conferência. E como você sabe quando essa lista mestre está completa...?

Maturana é muito generoso com seu tempo e muito acessível, e pude fazer muitas perguntas para ele relativas à PNL. Mencionei o ditado atribuído a Korzybski 'o mapa não é o território' - uma âncora útil para o modelo da PNL que nossa experiência individual do mundo é um mapa modelado por nossos sentidos, interesses, estados emocionais, metaprogramas, história pessoal e preocupações temporárias. Não é o que está 'lá fora', pessoas tão diferentes podem experimentar a mesma situação e isso significará algo diferente para cada uma delas. A PNL trabalha em um mundo de crepúsculos de representações internas. Um mundo dividido entre uma 'realidade' sobre a qual não podemos dizer nada diretamente, e o 'duro' domínio científico da neurologia e da bioquímica, que também não experimentamos diretamente, mas sentimos seus efeitos.

A resposta de Maturana foi imediata. 'Eu diria que o mapa é o território.' Novamente, sua resposta está coerente com seu foco na experiência subjetiva. Nossa experiência é fundamental. Ela é real para nós, é o território em que vivemos. Isso não é uma limitação, mas uma condição de vida. A PNL poderia então se tornar um meio de criar a realidade na qual vivemos. A busca para encontrar a si próprios é interminável porque não existe um si próprio para achar que seja diferente, esteja acima, ou separado do que você está fazendo agora. Para Maturana, o si próprio está incorporado na ação.

Os três dias foram uma rica experiência e há muito material para ser colocado em um artigo curto. Eles me proporcionaram muitas maneiras novas e interessantes de pensar sobre uma gama de assuntos, que vão de terapia a gerenciamento de mudanças organizacionais. O seminário foi realizado no salão de palestras principal da Open University, localizado sobre um quadrângulo gramado que me lembra as clausuras de uma igreja medieval, a diferença é que há anúncios de palestras sobre sistemas pregadas nas paredes, ao invés da via-crúcis. No sol do final da tarde do último dia sentei-me lá, e fiquei divagando sobre qual diferença prática essas idéias poderiam fazer para as vidas das pessoas. Perguntei a Maturana, na última sessão.

Ele respondeu, 'Acho que a mudança que ocorreria seria uma maior conscientização sobre nossas emoções e a responsabilidade surgiria através disso... acho que se isto ocorresse, a outra coisa que descobriríamos seria que não somos de nenhuma maneira especiais. Naturalmente, possuímos uma estrutura física fundamental e crescemos em um domínio fundamental – falo espanhol, você fala inglês – mas não somos nem bons e nem maus, não somos físicos, nem cozinheiros. O que nos tornaremos depende de como vivemos. Ficaríamos conscientes que existe... um domínio de mais abertura no qual compreenderíamos que nós e nossos filhos não estão presos, não estamos presos em um ser. Isso é importante. Não estamos presos em sermos uma pessoa má. Não estamos presos em sermos uma pessoa boa, o campo está aberto...'

© Joseph O'Connor 1997

Bibliografia

Maturana, Humberto, and Varela, Francisco, *Autopoiesis and Cognition – The Realisation of the Living* Boston studies in the Philosophy of Science Volume 42, D Reidel Publishing Company (1980)

Maturana, Humberto, and Varela, Francisco, *The Tree of Knowledge – the biological Roots of Human Understanding* Shambala (1987)

Varela Francisco, Thompson Evan, and Rosch Elanor, *The Embodied Mind* MIT Press (1991)

Veja também a revisão de *The Embodied Mind* by Brian Van der Horst em *NLP World*, Março (1994)